

RAUL DE FREITAS
DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

Simbolos e Ritmos



MARANHÃO
1950



RAUL DE FREITAS
DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

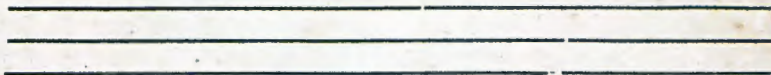
BAM
869.91

P862A

Simbolos e Ritmos



MARANHÃO
1950





Raul Martins de Freitas

Da Academia Maranhense de Letras

A memória de meus Pais,
com quem aprendi o amor
pelo Belo, e o culto pela
grandeza dos sentimentos.



A memória de meu irmão
José de Freitas, que, embora
morto, trago vivo no coração.

St Biblioteca Publica do Maranhão
Ofereço

Paul Petreitas

Luza 20-12-50

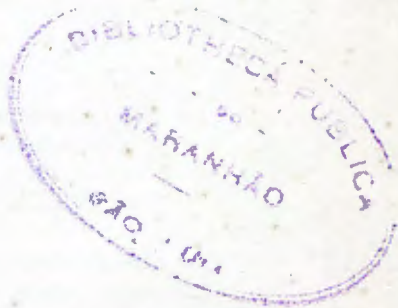
À minha esposa e aos meus
filhos.



A todos os parentes e
amigos.



Ao Maranhão, minha terra
estremecida, e aos intelec-
tuais do Brasil.



Pórtico

*Eis aqui, neste livro pequenino,
Os versos que compus, sem ter pensado
Quando os fazia, alegre e descuidado,
Que havia de lhes dar êste destino.*

*Neles, não busques ver o ouro fino
Da rima, ou do conceito aprimorado,
Pois o estro, quando grande, arrebatado,
Logo se vê no poeta inda menino.*

RAUL DE FREITAS

A lira, a doce lira, já bem tarde,
Despontou, em meu peito, sem alarde,
Assim como uma luz em noite escura.

E eu me pus a cantar, errante, a êsmo,
Nas horas de tristeza e de ventura,
Todo esse canto — essência de mim mesmo!

Exaltação

*Desde o dia feliz em que a vi, desde o dia
Em que senti no olhar seu estranho fulgor,
Dentro em mim, espontânea e incontida, nascia;
Esta ardente paixão, o paixão dêste amor.*

*E ao meu peito, êrmo e triste, onde apenas morava
A descrença, a tortura — ave negra e maldita!
Eu notei que a esperança, esplendente, voltava,
Que à minha alma voltava uma luz infinita.*

*Desde então, nunca mais, eu deixei de revê-la,
De escutar sua voz, que o meu ser ilumina;
E, se às vezes, tristonho, eu não posso entendê-la,
Ela entende a minha alma e a tristeza elimina.*

*Quanta vez, já depois de oscilante, cansado,
Dêsse afã infinito em que luta o poeta,
Em busca de uma idéia ou pensamento ousado,
Em que eleve bem alto a sua alma de esteta,*

*Ela vem pressurosa, incontida, fremente,
Redoírada de luz, cativante, imprevista,
Reacender-me a centelha invisível da mente,
E o milagre se dá! E se opera a conquista!*

*Adoro-a além da vida! E, se a vida lhe dêsse,
Num transporte de amor, quase nada eu daria,
Porque mais, muito mais do que a vida, merece
Essa Deusa sutil, que me exalta e extasia!*

RAUL DE FREITAS

Visões de sonhos bons ! Astro azul em que fito
A luz da fé bendita, em que me abraço e creio.
— Senhora, a cujos pés eu me curvo contrito,
— Mulher, de cujo amor eu nem sequer receio !

Consigo há-de morrer; consigo há-de findar
Como um rosal em flor a loira fantasia !
Antes que sôe a hora extrema dêsse dia,
Erguer-lhe quero agora o mais custoso altar !

Que venham dos jardins as rosas mais diletas,
Do mar, a verde opala, e, do rio, o oiro puro,
As azas verde-azul das lindas borboletas,
Do loiro, a palma verde — emblema do Futuro !

E, assim, se eleve ao alto, imensa, colossal,
Rutilante de luz, repleta de harmonia,
De torre branca e pura, a bela Catedral,
Cantando, em cada traço, essa deusa — a Poesia !

Eu,

*Não aspiro senão ao que, às vezes, prevejo
Que é possível, na luta, afinal, conquistar;
É, por isso, talvez, que não tenho o desejo
De chegar aonde alguns... tanto almejam chegar...*

*Nem espreito jamais o momento, ou o ensejo
Em que possa, vaidoso e contente, brilhar...
Pois não busco renome e também não cortejo
A riqueza maior com seu luxo sem par.*

RAUL DE FREITAS

Só no culto do Belo o meu estro se inspira !

Idolatro a verdade, abomino a mentira,

E acredito na Fôrça, aliada à Razão !

Surdo à grita dos maus, bem tranquilo prossigo;

Sei olhar, sem rancor, para o próprio inimigo,

Pois a minha Bandeira é de paz e perdão !

Resposta a alguém

*Não canto por cantar. Porém, sentindo
As vibrações que o mundo nos desperta,
E, se a alma tenho de ilusões deserta,
Finjo aos outros que vivo me iludindo...*

*Contudo, inda desponta, em céu bem lindo,
Dia festivo, nesta vida incerta :
É quando vejo, para mim sorrindo,
A Musa de oiro de emoções referta !*

RAUL DE FREITAS

*Ela é o refúgio em que me abrigo e ponho,
Tôda vez que me sinto êrmo e tristonho,
Sempre que a dor meu coração invade.*

*É a voz que fala no meu peito mudo,
Sem preconceito nem formalidade,
Sonho... ilusão..., minha esperança... tudo !...*

Pena de morte



*Tenho sido, e serei, em toda a minha vida,
Contrário à pena extrema, à rude execução;
Esteja embora em jôgo uma alma perversa,
Qual seja a de um sicário ou mísero ladrão!*

*Acredito, portanto, em que há de ser banida
Dos Códigos, das Leis, de nosso Coração,
A pena capital, horrenda, combatida
Em nome do Direito e em nome da Razão!*

RAUL DE FREITAS

A Lei, que manda o réu à forca ou à guilhotina,
Imita o criminoso, e se torna assassina
Mais fria, mais feroz e muito mais brutal !

Alguém matou a alguém? Punamos o culpado!
Mas nunca eliminando a vida ao desgraçado,
Senão jamais virá a paz universal !

Onze de Março

A memória de minha mãe

*Foi neste dia, que recordo agora,
Numa tristeza imensa, indefinida,
Que minha mãe, tristonha e comovida,
Disse: "Meu filho, adeus". E foi embora!...*

*Contudo, nunca mais, um dia, uma hora,
— Um instante sequer de minha vida —
Deixei de ter-lhe a imagem refletida
Na saudade sem fim, que me devora!*

RAUL DE FREITAS

*E quando, a sós, noite alta, muda e calma,
O fantasma da dor me ronda o leito,
Sua alma' se confunde com minha alma!*

*Mais um ano de morta! Infinda mágua!
Rendo-te aqui, ó mãe, sentido preito
De alma tristonha e os olhos rasos d'água!*

Pau d'arco

Ao Poeta Ferreira Nobre

*Cresceu. Subiu tão alto, em busca do infinito,
Que contempla, feliz, as nuvens de bem perto!
Ercto, o porte altivo, o dorso de granito,
Cintila loiro ao sol, qual fôra um pálio aberto!*

*No vale, na montanha ou mesmo no deserto
De algum trecho de solo infecundo, maldito,
O Pau d'arco domina! E o olhar tem sempre fito
Na pompa sideral que o traz de luz coberto!*

RAUL DE FREITAS

Milionário da selva, êle lembra um Rei mouro,
Que não teme jamais quem lhe roube o tesouro,
Em que ostenta, orgulhoso, o aurífero brasão !

E o que mais o deslumbra, extasia e arrebatá,
É ver tôda de branco, além... por trás da mata,
A Lua a lhe sorrir e a alvejar a amplidão !

Flamboyant

*Magestoso, imponente, o Flamboyant atesta
No seu porte de Rei, de púrpura vestido,
Que, de certo, não há no seio da floresta,
Quem lhe supere o garbo e o rubro colcrido.*

*É grato vê-lo, assim, pujante, em brilho e festa,
—Ao vento a loura flama, e em luz todo incendiado,
Pompando régio ao sol, ao sol que lhe não cresta
As flores côr de sangue ou de coral polido!*

*Sereno lutador, exímio paisagista,
Tem sonhos de poeta, e adora como artista,
As belezas sem par dêste céu todo anil!*

*E — glória vegetal, de si mesmo orgulhoso!
Na esmeralda da mata ou no bosque formoso,
É a árvore mais bela entre as mais do Brasil!*

Temporal propicio

De um motivo extraído do Livro chinês "Flauta de Jade", comentado por Carlos Magalhães de Azeredo, da "Academia Brasileira de Letras".

*Maldigo o temporal, que a mente não previa,
Por ver, há pouco, o Céu, de luz todo doirado,
Tomado de surpresa e cheio de agonia,
Contemplo o meu jardim desfeito, devastado!*

*Mas, como à dor sucede, às vezes, a alegria,
Que o nosso cecação aceita confortado,
Escuto a porta abrir, da minha alcova fria,
E um vulto de mulher eu vejo deslumbrado!*

RAUL DE FREITAS

A veste tão molhada a um canto vai deixando,
E branca como a Lua, esbelta, alvoroçada,
Aperto-a contra o peito, em êxtase, vibrando!...

E, ao vêr-me, assim, feliz, sentindo o corpo dela
Em gestos de triunfo e de alma arrebatada
Bendigo o temporal que agora apaga a vela!

Ilogismos

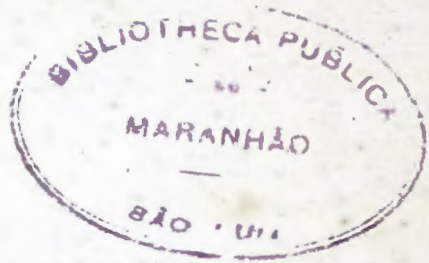
*Mente quem diz não ter jamais chorado
Da mágua, que nos punge o coração,
Como aquêlê que diz não ter amado
Na quadra azul, formosa, da ilusão !*

*Mente também quem diz não ter olhado
Ao menos uma vez, com emoção,
O sol doirando o píncaro azulado
Da serra, que se perde na amplidão.*

RAUL DE FREITAS

Porém, dentre os que mentem, sobretudo
Pelo prazer talvez de contestar...
Chamem-no douto ou sábio ou analista,

E' o que fitando o céu, imenso e mudo,
A terra e a luz e a flor e o verde mar,
Inda diz que não crê que Deus exista!



Natal

*Faz quase dois mil anos, que nascia
Em Belém, hoje histórica cidade,
A sombra de uma tósca estribaria,
Jesús — o Redentor da Humanidade !*

*Cumprida estava assim a profecia,
De que um Deus todo Amor, feito Bondade,
Em tôda parte ao povo ensinaria,
A Justiça, a Renúncia e a Caridade !*

RAUL DE FREITAS

*E, em verdade, Ele foi o Missicnário
Dessa cruzada imensa, e, no Calvário,
Morreu, por fim, depois de atroz suplício,*

*Crente talvez que a ingrata Humanidade
Deixasse então o trilho da maldade
Depois de seu tremendo sacrifício!*

SIMBOLOS E RITMOS

Cigarra

A Isaac Ferreira

*Tens à do poeta sina semelhante,
E, como êle, te apraz cantar sômente;
Ora saudosa e triste, ora contente,
Pela êrma estrada de tua vida errante!*

*Chamem-te, embora, inútil, negligente,
Malsinem-te o viver, a cada instante,
Hás-de, sôzinha, ativa e indiferente,
Cumprir o teu destino, triunfante!*

RAUL DE FREITAS

*Se a sorte não te deu maior ventura,
Nem, por isso, te faças descontente,
Nem te insurjas jamais contra a Natura.*

*Quanta formiga... — eu sei — que, atenta, esbarra,
Para ouvir o teu canto unicamente,
E que talvez quisesse ser cigarra!*

Meninice

*Lembra-me bem. Era pequeno. Um dia,
Vendo, num ramo de parreira, um ninho,
Sai bem cauteloso, e, de mansinho,
Tirei de dentro dêle o que eu previa...*

*Era um implume e meigo passarinho,
— Filho amado de bela cotovia —
Que, tôda a tarde, alegre, aparecia,
Brindando o roseiral ali pertinho...*

RAUL DE FREITAS

Quando supunha ao meu irmão mostrá-lo,
Que tristeza senti! Que forte abalo!
O passarinho morre em minha mão!

A ninguém, entretanto, o caso eu disse...
Mas, tôda vez, que evoco a meninice,
Relembra-o, com remorso, o coração!

Felicidade

*Eu não creio que exista, nesta vida,
Alguém que desconheça a desventura;
Que não tenha no peito uma ferida
Causada pelo espinho da amargura.*

*Que não chore de mágua e de tortura,
À hora extrema, atroz, da despedida,
Ao ver baixar, um dia, à sepultura,
A espôsa, o filho, a mãe estremecida.*

*Eu não creio afinal em quem nos diz
Que existe, neste mundo, um ser feliz,
Fruindo da ventura o sumo gôso !*

*E fico em minha crença abroquelado :
Nascerá o primeiro venturoso,
Quando não mais houver um desgraçado !*

Cântico à Vida

Vida — luta brutal em que, a cada instante,
Se encontra alguém sentindo a dor de uma agonia,
— Desengano e ilusão do afoito caminhante
Que nela vai seguindo em intermina porfia.

Estrada cujo fim é a campa horrenda e fria,
Na qual a luz da fé clareia vacilante,
Ante a incerteza atroz de que se principia,
A viver outra vida em mundo bem distante

RAUL DE FREITAS

*Fôrça, — Energia imensa, em marcha acelerada,
Que leva a todos nós a rumos diferentes,
Embora cada qual vá ter a igual morada!*

*Tens sido, e inda serás, por séculos afora,
A tortura mortal de crentes e descrentes,
Porque, no teu mistério, és sempre enganadora!*

Inocente

Meiga donzela, que do Amor fugia...

Filha de bela armênia infortunada,

É encontrada morta, assassinada,

No leito virginal em que dormia !

A mãe, cheia de dor, desesperada,

A Justiça, entre lágrimas, pedia

Que fôsse descoberta, e, enfim, julgada

A mão que assassinado a filha havia.

Eis senão quando é prêso, processado,
E a provas de inimigos, condenado,
Um pobre 'mogo como o delinquente!

Um anos 'após, — surpresa,! — o que a matára
A hora extrema, o crime confessára,
E o povo vê que o prêso era inocente!

Monologando

*Se após a morte existe uma outra vida,
Como, às vezes, supõe a mente humana,
Nessas horas de magua indefinida,
Que tanto desconsola e desengana;*

*Se é certo que, depois da luta insana,
Nossa alma, de outros sonhos, revestida,
Voa afinal para a elevada plana
Da perfeição, cantando na subida...*

RAUL DE FREITAS

*Se for essa a verdade rutilante,
Que há-de surgir, um dia, triunfante,
Da treva em que flutua a Humanidade;*

*Então a simples vida da matéria,
É uma passagem a essa mansão sidérea
Que chamamos também Eternidade!*



Conselhos de amigo

Homem ! Sê destemido. Aprende cedo

A lutar pela tua liberdade.

Enfrenta a vida, sem temor, sem medo,

Enquanto tu dispões de mocidade.

Sê bom, pratica o Bem, a Caridade,

De preferência sempre com sêgrêdo;

Escorraça de ti a-vil maldade,

E ausenta-te do amigo falso e trêdo.

RAUL DE FREITAS

*Se encontrares, um dia, pela estrada
De tua vida rude e acidentada,
Maltrapilha infeliz que ao lodo rola,*

*Protege, com teu manto, a desgraçada,
Ameniza-lhe a dor com a tua esmola,
E prossegue depois tua jornada!*

Poente

*Envelhecer ! Sentir, de dia a dia,
Fugir a mocidade,
Que é sol, que é luz ! Não ter quase alegria
Porém, muita saudade
Do tempo em que a existência era um sorriso
Franco e feliz, senão
Um Céu de verde-azul, um Paraíso
Bem melhor que o de Adão !*

*Envelhecer ! Olhar para um passado
Tão caro e já distante,
Sem nunca poder vê-lo renovado
Porque, em nós, não cante
Como cantava outrora o coração,
Agora, triste e mudo
Sem a graça sequer de uma afeição
Vasio enfim de tudo !...*

SIMBOLOS E RITMOS

Envelhecer ! Andar sempre sòzinho
Pela encosta da Vida,
Errante, sem conforto e sem carinho,
De uma alma agradecida,
Seguir até o fim a dura estrada,
Que nos leva ao Além...
Sem ter jamais a alma rebelada
Nem máguas de ninguém !

Envelhecer ! Sentir a chama ardente,
A chama divinal,
Morrer, em nosso peito, lentamente,
Na batalha final.
É ver, por fim, que a Vida é tudo e nada
Em simples dedução,
Mas que só fin-la depois de amortalhada
A última ilusão !

Recordando

A Achilles Ferreira

Dez anos são passados, que eu partira
Da terra em que nasci, da terra amada;
E, ao recordá-lo, agora, a minha lira
Soluça, nestes versos, torturada.

Revejo a cena. Tarde emoldurada
De um poente de sol de azul-safira.
E o céu é belo! E o rio que se estira
No seu leito de prata rendilhada,

RAUL DE FREITAS

Depois... a hora atroz da atroz partida,
— Alma a verter, em lágrima sentida,
Tôda a saudade que o meu peito encerra !

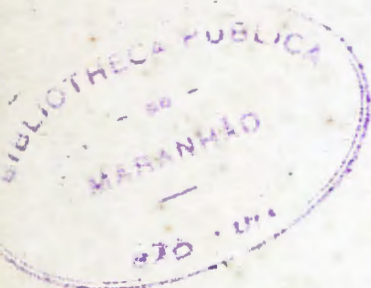
Revejo tudo... qual se fôsse agora :
A Casa, o Rio, o Prado que se enflora,
E as belezas sem fim de minha terra !

Crença

...E não fui, afinal, o que tanto quisera,
Visto como, inda cedo, o Destino medonho
Extinguiu... acabou... num ímpeto de fera,
O meu sonho mais belo, o meu mais lindo sonho.

Nem, por isso, a minha alma ante a dor desespera,
Nem a dor da desdita há-de pôr-me tristonho !
Sobre um sonho que morre outro sonho se gera,
Muitas vezes, mais belo, esplendente e risonho,

RAUL DE FREITAS



Mas depois que do peito extinguiu-se, findou-se,
O doirado clarão d'êste sonho tão doce,
Nunca mais afaguei uma só ilusão !

Minha crença de agora é uma crença sublime,
Eu só creio no Bem e no Amor que redime,
Na grandeza sem fim do mais nobre perdão !



Palavras de estímulo

*Carrega a tua cruz, com calma e conformado,
E não digas jamais o que tua alma sente,
Pois há virtude até no que sofre, calado,
As dores do passado, as máguas do presente.*

*E se, no teu caminho... alguém, um dia, tente
Manchar a tua honra, então, desassombrado,
Repele, com vigor, a audácia do insolente,
E segue para frente, altivo e denodado.*

RAUL DE FREITAS

Seja a verdade a tua espada, o teu escudo,
E que a pobreza não te obrigue a ficar mudo
Ante a arrogância vil, que humilha e que degrada !

Ama tudo que houver de belo e nobre e puro,
E crê nos Céus e crê em ti, no teu futuro,
E na Fôrça Imortal da Luz Glorificada !

Resposta a mim mesmo

*Pouco importa que seja amanhã esquecido
Algun bem que haja feito, espontâneo e contente;
Não me abate ou constrange acolher, comovido,
A quem quer que me busque ante a mágua que sente.*

*Assim penso e assim faço. E se, acaso, impotente
Eu me sinta, algum dia, ante um pobre vencido,
Que me peça, entre pranto, um alívio somente
Para a dor que o tortura e que o traz aturdido,*

RAUL DE FREITAS

Maldirei esse instante, esse ingrato momento
Que, por mim, há-de ser, tristemente, lembrado,
Sem que nunca perdôe ao meu rude Destino...

Pois o que se condôi ante o estranho tormento
Mostra ao mundo que tem coração bem formado,
Qualquer coisa de belo e também de divino!

Finados...

*Finados !... Badalar de sinos, renovando
A singela canção nostálgica e sombria...
No peito o coração se agita em dor, lembrando
Alguém que nos deixou e dorme à campa fria,*

*Finados !... Corações de dor em romaria,
No vasto Campo Santo, agora, cintilando,
À luz de velas mil, ardendo à luz do dia,
De cravo, dália e rosa as campas se enfeitando !*

*Finados !... Suspirar pungente da saudade !
Destino a que fugir não pode a Humanidade,
Repouso, eterno sono em lúgubre morada !*

*Finados ! Batdalar de sinos nas Ermidas,
Num contínuo dizer que nós não somos nada,
Nesta vida de dor e lágrimas sentidas !*



Mar

O' mar, que tens a cor do azul-turquesa,
— Espelho colossal de brilho ingente!
Epopéia imortal da Natureza,
A cantar e a fulgir perenemente!

Panorama estupendo de grandeza,
Que arrebatava e deslumbra a nossa mente,
Painel sublime da maior beleza,
Pintado pela mão do Onipotente!

RAUL DE FREITAS

*Mar das sereias, caprichosas, belas,
Que, à lua cheia, brincam nas procelas,
Causando encanto a quem as ver banhar !*

*Mar que se agita, pela encosta, errante,
A gemer, a rugir, a todo instante,
Talvez, porque não possa descansar !*

Ontem e hoje

*Mais um ano que vai para o passado,
— Um ano mais de luta indefinida —
Como o tempo me torna tão mudado,
Como é turvo o caminho da descida...*

*Ontem, a vida — um céu azul-dourado —
— Fôrça e esplendor — aurora inesquecida !
Hoje, apenas, um sol quase nublado
Pelas sombras da tarde entristecida !*

RAUL DE FREITAS

*E o mundo gira e marcha, indiferente
A tudo quanto a humanidade sente,
Sob o dossel sem fim da imensidade.*

*E eu penso e vejo que jamais deixamos
De recordar os dias que gozamos,
Como os relembro agora com saudade !*

Carta á Iracema

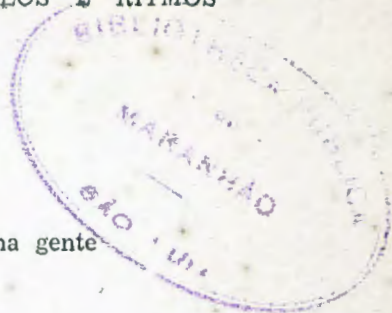
*Recebi, minha filha, bem contente,
Tua cartinha amável, delicada.
Se pudesse, eu iria incontinenti
Ver-te aí, nessa terra abençoada.*

*Se não posso, é porque... infelizmente,
Tu sabes... inda trago acorrentada,
Por amor à Família unicamente,
A minha liberdade idolatrada !*

RAUL DE FREITAS

*Contudo, eu me contento em ver-te, agora,
Espôsa de um marido que te adora,
Como me contas e êle próprio o diz.*

*Que Deus te guie os passos nesta vida,
Que sejas sempre boa e estremecida,
A fim de que teu lar seja feliz !*



Ode ao Brejo

A minha terra e à minha gente

*Terra querida, ó minha terra, escuta
Neste instante de indômita emoção,
A voz dêste teu filho que, na luta,
Nunca sentiu tremente o coração!*

*Nunca! Porquanto a fibra de seu peito
É feita da argamassa da vontade,
Que faz de um ser humilde um ser eleito
Às conquistas sem fim da Humanidade!*

*Escuta a voz de quem, neste momento,
Te fala, porque sente o que te diz,
Cujo unico desejo ou pensamento
É ver-te, ó minha terra, bem feliz!*

*Sim, feliz, caminhando para frente,
Em passo agigantado, sem parar,
Ao mundo dando mostras que és potente,
Que sabes teus direitos conquistar!*

*Quero ver-te bem cedo, iluminada
Pelas chamas de límpido clarão,
Mostrando o quanto és linda e desejada,
Como poucas, talvez, no Maranhão!*

Quero ver-te contente, dominando
Tôda essa zona imensa em que te deitas,
Rebrilhante de luz, e à luz mostrando
Dos teus vales as prósperas colheitas!

Almejo, ó terra minha idolatrada,
— Berço meu, de meus filhos, de meus pais!—
Que nada te detenha na escalada
Dessa subida franca em que te vais!

Que, um dia, possas tu, heril, ditosa,
Entre efusões bem justas, verdadeiras,
Ouvir de todo um povo: "a mais formosa
Das cidades da Terra das Palmeiras".

Tributo de Amizade

A memória de Frei Bernardino do
Mornico.

Um dia, o conheci em meu caminho...

Foi em BREJO. Já tempo faz que o via

Na velha Catedral, inda cedinho,

Pregando sôbre a excelsa Eucaristia!

Era um domingo. O povo todo ouvia,

Atento, respeitoso, com carinho,

O verbo oracular, em que fulgia

O talento de escol do capuchinho!

Anos depois, nos vimos. Satisfeito,
Dei-lhe a mão, e, apertando-o, contra o peito,
Disse a alegria de revê-lo então !

Ontem, surpreso, eu li num vespertino :

“Em alto mar morreu Frei Bernardino”

E o pranto me brotou do coração !

Mais um ano

A MINHA ESPOSA

*Mais um degrau transponho só, na escada
Desta montanha asperíssima da vida...
Quanta esperança morta, desfolhada,
Eu vejo pela estrada percorrida !*

*Gulgado já o cume ou a esplanada,
Resta-me, agora, apenas, a descida...
Que eu não sei se mais triste e dolorida,
Do que essa imensa etapa atravessada !*

RAUL DE FREITAS

*Sei contudo que a tarde se anuncia
Dentro de mim, bem parda-centa e fria,
Pelo horizonte incerto que diviso.*

*Mas chegarei ao termo do caminho...
Conformado e feliz com teu carinho,
Tua voz ouvindo e vendo o teu sorriso!*

Evocação II

Respondendo ao poeta
Djalma Viana

*Entre nós dois — concordo — há grande diferença
Que de tanto notar minha alma não se cansa;
Enquanto tu vês morta, em ti, a luz da crença,
Desponta, no meu peito, a luz de, uma esperança.*

*É que, inda bem cedo, ao tempo de criança,
Ao ver da desventura erguer-se a nuvem densa,
Aprendi a confiar na Deusa da Bonança,
Que põe no céu da vida astros de luz intensa .*

RAUL DE FREITAS

*E daí por que eu creio, embora nesta idade,
Nesta quadra outonal de sombra e de saudade
Nalguma coisa mais que, por certo, há-de vir!*

*Que a chames tu de sonho ou mesmo de tolice,
Como entem, e como hoje, e, talvez, na velhice,
Hei-de crer na esperança, hei de saber sorrir!*

Sete de Setembro

*Setembro sete. Dia inesquecido,
Em que Pedro Primeiro, audaz e forte,
A espada empunha, em gesto decidido,
E brada, altivo : — "Independência ou Morte" !*

*Veloz, alvissareiro e irreprimido
Ecôa, no Brasil, de sul a norte,
O grito augusto. E, alegre e comovido,
Responde o Povo : — Independência ou Morte" !*

*E, qual Titã que houvesse despertado
De um pesadelo horrendo e prolongado,
Levanta-se o Brasil cheio de glória !*

*Feito sublime, heróico e incrredoiro,
Eu quisera cantar-te, em versos de oiro,
Porque és tu o maior de nossa História !*

Evocação III

Respondendo ao poeta
Djalma Viana

Armado cavaleiro, em plena mocidade,
Amei e fui amado, e, audaz e decidido,
Mil vezes derrotei as armas de Cupido...
De quem me fiz mais tarde, escravo, sem vontade.

Depois... senti no peito a lira que nos há-de
Fazer cantar, um dia, em verso colorido,
O sol, a lua, o mar, o rio, a tempestade,
O travo da saudade... o sussurro... o gemido...



*Por fim cantei o Amor, o Amor que tudo encerra,
As belezas sem par do Céu de minha terra,
Em que me vi feliz ao tempo de criança,*

*E se, hoje, me persegue o mais tristonho Fado,
Eu nunca me senti por isso rebelado,
Porque na própria dor diviso uma esperança!*

Sonho

*Vivo para o meu sonho... E do meu sonho... Sonho,
No qual resumo a vida e todo o seu enleio,
Sonho — que aclara a luz de meu olhar tristonho,
Sonho — doce esperança em que me amparo e creio.*

*Que importa que eu não veja um céu azul, risonho,
Doirando a estrada turva, em que prossigo, alheio
A tudo quanto é vil e que o ódio traz no seio,
Se vou, feliz, cantando os versos que componho?!*

Por isso, quando sinto a Musa loira e bela
Chegar perto de mim, etérea, vaporosa,
Baixinho a me dizer : — “Cantemos se quiseres !”

Tenho ânsia de falar até da muda estrêla,
Do aroma que trescala a mais franzina rosa,
E do engôdo sutil de tôdas as mulheres !

Tristonha Mentira

*Batalha a humanidade, noite e dia,
Para extinguir, de vez, o sofrimento,
Que nos conturba e abate o pensamento,
Em busca da ventura fugidia...*

*No entanto, eu não malsino, eu não lamento
A dor, que nos flagela e nos vigia;
Porquanto, a vida passa como o vento,
Murmurante, veloz, em noite fria!*

*Vida tôda de sonhos e quimeras !
Se palpitas em tudo, e em tudo imperas,
E à própria flor o coração inspiras !*

*Já agora, para mim, não vales nada,
Ês mísera esperança malograda,
A mais enganadora das mentiras !*

Evocação III

Ao poeta Djalma Viana

*Eu também, como tu, fôra ditoso. Outrora,
Sorri. Tive ilusões que te contar nem sei.
Poucos, nenhum talvez, na quadra azul da aurora,
Juntara ao coração os sonhos que juntei!*

*Mas ai! Tempos depois, voaram... foram embora...
Esses sonhos azuis que no peito afaguei.
E, sempre que os recordo, em versos, como agora,
Me sinto transportado ao tempo em que os cantei.*

RAUL DE FREITAS

*Hoje, mesmo no fim da grande caminhada,
Cansado de lutar e de alma fatigada,
Sinto que o coração a sorte não maldiz !*

*Se me vejo vencido, e, às vezes, triste e mudo,
Inda busco mostrar ao mundo que me iludo,
E canto, até morrer, pensando em ser feliz !*

Vendo-a Partir

*Mal contendo a emoção que me domina,
Ante a certeza de que vais embora,
Dizer quase não posso, Amazonina,
Tôda a saudade que me invade agora.*

*Soube a tua alma branca de menina
Cuja doçura no semblante aflora,
Mostrar, aqui em Casa, a essência fina
Da flor mais rara que em teu seio mora.*

RAUL DE FREITAS

Partes — eu sei — em busca de teu sonho...

Dêsse sonho feliz — o mais risonho —

De quantos já tiveste em tôda a vida!

DD

Partes, por isso, alegre e venturosa,

Pois sabes que um futuro côr de rosa

Te espera como prenda merecida!

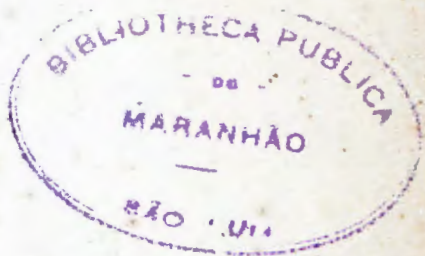
Hino à vida

*A vida estima ! E estima-a com carinho,
Como uma jóia rara e delicada.
Na vida até do débil passarinho
Há sombra e luz e dor insopitada !*

*Em tôda rosa sempre existe espinho,
Por mais linda que seja ou perfumada;
Em todo berço ou mesmo em todo ninho
Ha susto e medo e riso de alvorada.*

Por mais pobre que seja ou mais singela,
A vida é boa e breve e cara e bela,
— Busquemos alegria no viver !

Não te ocupas da Morte ! Ela há de vir
Mais cedo ou tarde ! E, ao vê-la, hás-de sentir
A suprema coragem de morrer !



Paisagem azul

Chove. Meu pensamento abre as azas, e voa

Veloz, incerto, pela imensidade afora...

E, logo, torna ao ponto em que se achava, e à tã

Vagueia, cruza o Céu, qual uma ave canora !

Depois, pousa sutil na idéia azul, que agora

De sonhos e ilusões o coração povoa.

É o desejo, sem fim, que no meu peito mora,

De cantar tudo quanto a mente ama e abençoa !

RAUL DE FREITAS

*E, então, sinto em minh'alma, a Lira que desperta
Do sonho que sonhava, e, inda oscilante e incerta,
Vai soltando o seu canto, espontâneo e feliz !*

*E o meu ser se transforma! E tudo em mim se agita,
Numa estranha emoção, singular e bendita
Que a pena não descreve e o coração não diz !*

Paisagem brasileira

Trabalha, luta em vão, todo operário,
Porque recebe um mísero salário

Que nem sequer lhe basta
Para a compra do pão de cada dia,
Nesta fase infernal de carestia
Na qual a vida arrasta !

Então, se o desditoso, o desgraçado,
Já tem o seu destino a alguém ligado,
Ou seja à companheira,
Que o auxilia na lida que o consome,
Não demora rondar-lhe a Casa, a fome
Minaz e traçoieira !

E se — terrível caso ! — tem filhinhos,
Que beija com calor, com mil carinhos,
O drama é mais pungente !
Não raro, cuve o infeliz, a cada hora,
Longo e maguado, o brado de quem chora
Inconsoladamente !

E — vêde ! — o grito atroz que corta os ares,
Que o invade de aflição, de mil pesares,
É dos filhinhos seus !
Que, não podendo mais com a dor tamanha
Da fome, que lhes rói a própria entranha,
Apelam para Deus !

E não ter, até hoje, aparecido
Um homem, valoroso e destemido
Que erga e redima o pobre,

RAUL DE FREITAS

Dizendo, em tôda parte, francamente,
Tôda a desdita que êle sofre e sente
 Numa campanha nobre!

Mas, um dia virá (e nisso eu creio),
Do povo há-de emergir, mas bem do seio,
 Um vulto extraordinário,
Que à fôrça do valor, da persistência,
E, com as armas, sem par, da inteligência,
 Conceda ao proletário,

Ao homem que trabalha, noite e dia,
O conforto, a assistência, a garantia,
 Enfim, todo o direito
A que faz jus o seu trabalho insano,
Porque é, além de tudo, um ser humano
 De coração no peito!

E quando despontar, na rude estrada
Do pobre, a fresca e loira madrugada,
 A Luz da Redenção,
Que livre há-de torná-lo da miséria,
Há-de se ver que a própria luz etérea
 O brinda com efusão!

E, nesse instante, altivo, extraordinário,
Assim há-de falar todo operário: —
 “Burguez, atenta bem!
“Hoje, apenas, tu vales o que eu valho,
“Se és grande, porque rico, o meu trabalho
 Me fez grande também!

A presente poesia foi escrita ao tempo em que ao operário não era dado qualquer assistência social. Graças aos últimos governos, o trabalhador, no Brasil, já vai sendo acolhido com o carinho que merece.

Confronto e Contraste

*Da vida já não tenho o doce encanto,
Que, tantas vezes, eu senti outrora.
O próprio coração treme de espanto,
Quando lhe exponho o meu viver de agora.*

*Chora a minha alma muitas vezes, chora,
Vendo em meu peito amortalhado, a um canto,
O bando auzi das ilusões, que tanto
Prazer me deram pelo tempo afora.*

Quanta saudade ! Nem dizer eu tento,
Porque, sutil, me chega ao pensamento,
Uma tristeza avassalante, infinda,

Ao vêr-me bem diverso do que eu era,
Sem um sonho sequer, uma quimera,
Com que pudesse ser feliz ainda !



Diálogo e Mistério

*Ontem, disseste meiga: "É preciso esperar
Pelo dia feliz, que, por certo, há-de vir!"
— Quem me dera a ilusão de poder-me enganar
E, enganado da vida, eu da vida sorrir!*

*Descrente assim falei. E, tristonho, a pensar,
Longo tempo eu me pus a querer descobrir;
Se são poucos, enfim, os que sabem lutar?!
Porque tantos na vida os que logram subir...*

*Ante o grande problema, o insondável mistério
Quanto mais o perscruto através do hemisfério,
Menos sei afinal o seu X... desvendar !*

*E, entre cismas perdido, entre lutas imerso,
Cada vez acredito em um Deus do Universo,
Que nos traça o caminho em que vamos trilhar !*

Desengano

*Abandonou-me, há pouco, uma esperança,
— A mais bela talvez de minha vida —
Doirado sonho que se foi... querida
Ilusão ,hoje morta na lembrança.*

*Feliz de quem, no mundo, um dia, alcança
O sonho que sonhara, e que, vencida
A peleja brutal da imensa lida,
Desfruta doce paz serena e mansa.*

*Desde muito, procuro no caminho
Em que pervago, a vacilar, sòzinho,
Essa paz, que é da vida o sumo alento.*

*Mas, quanto mais os dias vão passando,
Mais a diviso longe... se oculiando
Entre as sombras fatais do esquecimento!*

Sabiá

*No Pomar, junto à Casa, onde eu morava,
Um sabiá, de régio porte, havia,
Que, indo cedinho, o canto desatava
Em sonatas sublimes de harmonia!*

*E tôda a tarde, quando o sol bordava
De oiro, o cetim azul do Céu, se ouvia,
Dêsse passaro, o canto que soava
Da verde mata à extensa serraia,*

RAUL DE FREITAS

Mus, certa vez, um caçador ousado,
Encontrando-o, no ninho, descuidado,
Agil, sutil nas mãos o arrebatou !

Na gaiola depois, encarcerado,
Sentiu-se o sabiá tão revoltado,
Que nunca mais, uma só vez, cantou !

Exortação

Ao Corrêa de Araujo, o maior poeta
vivo do Maranhão.

Poeta, pega da pena, e, em verso burilado,
Exalta o que fôr belo, excelso e peregrino:
Serás, mais uma vez, na terra... festejado
Porque cantando estás cumprindo o teu destino...

Contempla a Mar que brame, e o infinito azulino
Que sôbre nós se arqueia, etéreo e iluminado,
A Lua branca e pura, o barco pequenino
Que ali, no Lago azul, deslisa sossegado,

RAUL DE FREITAS

Contempla tudo enfim que o Mundo tem de belo,
A montanha mais alta, o prado mais singelo,
E canta com teu estro o que eu cantar não sei,

Mostrando o quanto pode o teu verso altaneiro,
De Atenas inda és, sem favor, o primeiro,
Porque, de todos nós, és o maior, o Rei!

Meditando...

*Cada vez que medito nesta vida,
Sobretudo no fim que nos espera...
Uma tristeza imensa e indefinida
Sinto, que de minh'alma se apodera.*

*E' que vejo a existência resumida
Numa simples e pálida quimera...
Seja na quadra azul da primavera,
No outono, ou na velhice entristecida...*

*Por mais que nos constranja, a Morte, um dia,
Há-de vir, insidiosa e fugidia...
Nos cingir no mais negro e triste véu !*

*De tudo um desconsôlo em nós se encerra;
Não porque o corpo se transforme em terra,
Mas da incerteza se a alma sobe ao Céu !*

Avante!

*Não descreias de ti! Antes, sempre confia
No teu próprio valor, pois valor tu terás,
Se souberes lutar com vigor e energia,
A mostrar-te valente, esforçado e capaz!*

*Só o fraco ou o cobarde é que teme a porfia
Na conquista de um bem que prazer só nos traz.
É na luta que existe a suprema poesia
Desta vida ilusória, inconstante e fútil!*

RAUL DE FREITAS

*Não deixes a descrença o teu peito invadir;
Se, acaso, a tua dor te privar de sorrir,
Não te julgues, por isso, abatido e infeliz!*

*Olha: a glória maior mostra aquêlê que é forte,
Que nem mesmo sentindo a presença da morte,
Uma vez, uma só, o Destiño maldiz!*

Catulo não morreu

*Catulo não morreu! Apenas foi chamado
Para cantar, talvez, perante o Redentor,
As belezas que o Céu, imenso e ilimitado,
Ostenta, em cada estrêla, em rútilo fulgor!*

*Nunca morre quem tem um estro sublimado,
Com que cantou a terra, o sol, a luz, a flor,
E o mar e o rio e o vento e o bosque perfumado
E tudo em que palpita o sol da vida — o Amor!*

A lira, que lhe fôra o mágico instrumento,
Soube tanger com fino aprumo e sentimento,
Até que um dia, a Glória esquivava a mão lhe deu!

Se é certo que partiu, da terra, o bardo ingente,
Contudo há-de ficar, na História, eternamente,
Brilhando como um sol, nos versos que escreveu!

Jangada

(Agradecendo a alguém o recebimento
da bela revista da Ala Feminina)

*Aportou, junto a mim, trazendo rosas,
Cada qual a mais bela e perfumada,
A JANGADA que tu — maruja e fada —
Mandaste sobre vagas procelosas.*

*Ao vê-la, azul e branca, tripulada
Sòmente de mulheres valorosas,
Vibrei, sorri, ao ver que, entre as fcrmosas,
És tu a mais gentil e delicada !*

Agradeço, por isso, o teu presente

— O mais caro que tenho, atualmente —

Porque, dado por ti, muito me apráz !

Mas digo, com franqueza, eu preferia

Nela servir ao menos de vigia,

Do que apenas fitá-la e nada mais !

Canto de Saudade

A memória de Silveira Filho

*Calou-se um coração ! Volveu, ha pouco, ao Nada,
Um poeta de alto escol, deixando, pela estrada
Em que trilhou cantando, às vezes, satisfeito,
As vezes, recalcando a dor dentro do peito,
O seu rastro de luz, as flores de sua alma,
— Os versos que escreveu, com que logrou a palma,
Que a Glória, a Deusa esquiva, a quem buscar não tento,
Dá sempre ao que a possui a flama do talento !
Já não existe, pois, o bardo alencarino,
Que, um dia, eu conheci, de quem o meu Destino,
Que nunca, até então, me havia dado nada
Disse : — “aí tens um nobre, um grande camarada,
Com quem tu falarás, às vezes que quiseses,
Das rosas, dos jasmims, das aves, das mulheres,
Enfim de tudo quanto acaso te aprouver”.
E, desde êsse momento, alegre, eu pude ver
Que achara, finalmente, aquele em quem eu via
— Um grande irmão na dor, no sonho e na alegria —
Mas aí ! — tristeza atroz ! Perdi um companheiro,
Um amigo delicado, afável, prazenteiro,
Que, nestes versos, choro, inconsolado e triste
Porquanto já se foi, porque já não existe,
O aêdo, em cujo verso ha sempre graça e brilho
Magia e sedução ,pois que SILVEIRA FILHO... ..
Sabia pôr na estrofe a essência, o sentimento,*

A forma, a côr, o som, a idéia, o pensamento,
Tudo quanto, enfim possa tornar completa
A estrutura solar de um verdadeiro poeta!
Partiste. Foste embora!... E a morte que não cansa
De dar continua busca a mais bela esperança,
Levou-te pela Noite imensa do Não Ser,
A ti que, em vão, lutaste a fim de não morrer!
E, diante da verdade horrível, dolorosa,
Que enluta a minha Lira e a torna lacrimosa,
Eu te venho trazer, confuso e comovido,
As flores de meu peito, o canto mais sentido,
Que oferecer pudesse, em nome da Amizade,
A minha indefinida e interminada Saudade!

Depois...

*E, um dia, hei-de morrer. Hei-de volver ao Nada,
Para ser afinal um pedaço de argila.*

*E, mais tarde — quem sabe?—habitar numa estrada,
Num punhado de pó, sob sombra tranquila!*

*E ninguém saberá que esse pó que cintila,
À luz fulva do sol e ao surgir da alvorada,
Animou e deu fôrça a uma vida, passada
Entre luta constante, agitada e intranquila.*



*E, integrado na terra, em seu seio fecundo,
Do penar já liberto e esquecido do mundo,
Serei seiva talvez a dar brilho e esplendor,*

*Numa fragil ramada entre a rocha nascida,
Em que cante e suspire uma rôla sentida,
A sublime canção do seu mais puro amor !*

SUMÁRIO

Dedicatorias	3 e 5
Portico	7
Exaltação	9
Eu	11
Resposta a alguém	13
Pena de morte	15
Onze de Março	17
Pau D'arco	19
Flamboyant	21
Temporal propício	23
Ilogismo	25
Natal	27
Cigarra	29
Meninice	31
Felicidade	33
Cântico à vida	35
Inocente	37
Monologando	39
Conselhos de amigo	41
Poente	43
Recordando...	45
Crença	47
Palavras de estímulo	49
Resposta a mim mesmo	51
Finados...	53
Mar	55
Ontem e hoje	57

Carta a Iracema	59
Ode ao Brejo	61
Tributo de amizade	63
Evocação	67
Sete de Setembro	69
Evocação II	71
Sonho	73
Tristonha mentira	75
Evocação III	77
Vendo-a partir...	79
Hino à vida	81
Paisagem azul	83
Paisagem brasileira	85
Confronto e contraste	87
Diálogo e mistério	89
Desengano	91
Sabiá	93
Exortação	95
Meditando	99
Catulo não morreu	101
Jangada	103
Canto de saudade	105
Depois...	107